

**CÉLIA REGINA VENDRAMINI - ENTREVISTADA \***  
**POR MARIA ANTÔNIA DE SOUZA**

MA - Você tem discutido movimentos sociais e educação sob o enfoque teórico-metodológico do materialismo histórico dialético. Qual a sua compreensão sobre o movimento nacional da Educação do Campo? Na sua ótica, quais conceitos são fundamentais para compreender a Educação do Campo?

Em primeiro lugar, considero que toda questão social e educacional precisa ser compreendida à luz da teoria. Cada vez mais a realidade vem mostrando-se complexa e difícil de ser apreendida imediatamente, daí nosso esforço de não nos limitarmos à aparência. O Materialismo Histórico Dialético nos possibilita uma leitura e intervenção coerente com a realidade, na medida em que ele se funda em categorias que são expressão das próprias relações sociais e, portanto, permitem apreender em sua essência os problemas reais, concretos, relativos à vida, ao trabalho e à educação. Além disso, impõe um comprometimento/engajamento com a realidade.

No que diz respeito à educação do campo, penso que a primeira coisa a fazer é questionar as fronteiras estabelecidas entre campo e cidade na atualidade, bem como entre educação do campo e educação da cidade. Na verdade, não há uma dualidade ou oposição entre os dois, o que existem são diferenças no interior de uma mesma realidade social. É preciso, ainda, considerar que as fronteiras entre o rural e o urbano já não são claramente observadas e identificadas. Assim como na cidade, as populações do campo convivem com o desemprego, a precarização, intensificação e informalização do trabalho e a carência de políticas públicas.

Na perspectiva do materialismo histórico dialético, consideramos a educação do campo como uma especificidade de uma realidade que é universal. Além disso, ela deve ser considerada no contexto em que é desenvolvida, nas relações que a suportam e, especialmente, no âmbito da luta de classes, que se expressa no campo e na cidade. Nesse sentido, penso que o movimento de educação do campo não pode estar dissociado de um movimento organizado e de políticas que

\* Respostas fornecidas por de e-mail

se destinem às condições de vida no campo. A educação nunca foi capaz, a história já nos mostrou isso, de prender o homem ao campo, quando não se criam condições de trabalho, de assistência à saúde, de lazer, de moradia etc, para as crianças, jovens, adultos e velhos. O que assistimos hoje no Brasil é um discurso voltado para a educação do campo, expresso em algumas medidas, diretrizes operacionais e programas especiais, num contexto em que a reforma agrária está estagnada, limitada às ações de colonização especialmente no Norte e Nordeste do país; em que crescem os conflitos e mortes no campo, bem como a criminalização dos movimentos sociais organizados; em que as ações educacionais voltadas à população do campo tem sido questionadas e perseguidas, como é o caso das escolas itinerantes no Rio Grande do Sul; em que as famílias assentadas, os pequenos agricultores e os assalariados do campo tem enfrentado dificuldades cada vez maiores de sobreviver do seu trabalho e da terra.

No que diz respeito especificamente à educação do campo, observamos avanços, no que se refere a uma valorização do tema no meio acadêmico; a uma mudança significativa no conceito de educação do campo, buscando superar um modelo de educação ruralista; a uma multiplicação de programas e ações voltados à escolarização da população rural; à formação de educadores / professores; à criação de comissões e conselhos locais, estaduais visando a ações coordenadas e a uma pressão política junto às administrações públicas; e também no que se refere à legislação, especialmente com a formulação das Diretrizes Operacionais para as Escolas do Campo.

Por outro lado, avaliamos que este movimento ainda não é capaz de chegar na ponta, de afetar a organização das pequenas escolas rurais, de alcançar seus professores diretamente e a comunidade escolar. As escolas, em sua maioria, continuam funcionando precariamente, sem condições materiais e humanas para a sua renovação, e o transporte escolar de crianças para escolas nas cidades continua sendo a política adotada nos municípios. Os programas voltados à formação (de jovens, de professores e outros), ainda que necessários, se pautam em processos formativos também precários, com pouco tempo para o estudo, o aprofundamento, a apropriação do conhecimento, por meio de uma alternância que, mais do que um método educativo inovador, acaba sendo, na realidade, uma forma desigual de acesso ao conhecimento.

Os avanços observados na educação do campo têm na sua origem a luta combativa e a pressão dos movimentos sociais organizados no campo.

## Entrevistas

Observamos hoje um momento de menor potencial mobilizador por parte da classe trabalhadora, inclusive no campo, portanto a pressão sobre o poder público também tem sido menor. Além disso, as experiências educacionais e escolares desenvolvidas pelos movimentos e organizações sociais no campo são afetadas por isto.

Voltando aos conceitos e a partir da avaliação acima apresentada, penso que precisamos definir nosso entendimento acerca de dois temas centrais neste debate. Primeiro: o que é o campo? Com certeza, não podemos manter uma visão romântica sobre ele, o campo mudou muito. Como se vive hoje no campo? Como se trabalha? O que se produz e de que forma? Quais as relações de trabalho e de vida que se mantêm?

A segunda questão é decorrente da primeira: Para viver hoje, e para viver no campo, de qual educação precisamos? Que formação é necessária para as crianças e jovens? O que precisam saber? E para quê? Afinal, o que pretendemos com a educação e com a escola?

Penso que estas questões devem nortear o debate sobre a educação do campo.

MA - Você orienta pesquisas de mestrado e de doutorado que objetivam analisar o MST. Você acompanhou o curso de Especialização em Educação do Campo da UFSC. Você escreveu sobre educação no MST, na sua dissertação e sobre educação e trabalho no contexto do MST na tese de doutorado, pergunto: Qual a sua visão sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na atualidade, tendo em vista que ele é um dos movimentos que impulsiona a Educação do Campo e tantas outras experiências?

Como você diz, eu tenho pesquisado e orientado pesquisas sobre a educação no Movimento dos Sem-Terra e também tenho tido o privilégio de participar de alguns encontros e cursos de formação no âmbito do Movimento, além de ter coordenado o curso de Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial. Os estudos associados com a vivência têm permitido uma reflexão crítica sobre este Movimento e seu projeto educativo, porém é uma visão que vem da academia, diferente dos que estão na luta diária nos acampamentos e assentamentos. Novamente temos que recorrer ao Materialismo Histórico Dialético para compreender o momento que vivemos e os dilemas do MST, envolto em muitas contradições que emergem da própria realidade social. O MST é um movimento que nasce do velho e contém em si o novo. O que quero dizer é que ele emerge nestas relações sociais, com todas as

suas dificuldades e limites, de uma sociedade desigual, em que a riqueza se produz por meio do trabalho explorado, criando formas de inserção social absolutamente diferenciadas e inadmissivelmente injustas. Ao mesmo tempo, ele propõe algo novo, quando além de negar nesta sociedade a propriedade privada, a concentração de terra, de riqueza, de conhecimento e de tecnologia, o MST afirma positivamente a necessidade de outra sociedade, a socialista, sustentada sob outras bases. Além disso, sua história é marcada pela capacidade de mobilizar massas em torno da luta pela terra e pela reforma agrária, e de construir formas alternativas de organização do trabalho, da produção, da educação... Isto tem um significado fantástico, visto a possibilidade de experimentar formas diferentes de viver, de trabalhar, de educar as crianças.

Entretanto, as experiências são limitadas pelas atuais relações sociais. Nesse sentido, a direção e a base do MST enfrentam cotidianamente grandes dilemas: os conflitos entre o individual e o coletivo; entre a produção para o mercado e a auto-subsistência; entre a cooperativa e a agro-indústria; entre a produção agroecológica e a produção destrutiva na lógica do agronegócio; entre a educação para a emancipação e a educação reprodutivista.

Essas tensões, assim como um pêndulo, vão tendendo para um lado ou para outro, dependendo da conjuntura e do avanço ou recuo da luta de classes. O MST, como um movimento social, se alimenta de conquistas, de vitórias, ou seja, suas reivindicações, ou parte delas, precisam ser atendidas. Não é o que se vê hoje, pouco se avança em termos de reforma agrária, seja na distribuição de terras ou nas condições de vida e trabalho nos assentamentos. As poucas conquistas estão ameaçadas, o poder executivo em muitos estados alia-se ao poder judiciário e ao legislativo para a criminalização do Movimento, de suas ações, de suas escolas, de seus centros de formação. Também observamos um conjunto de ações no âmbito do Estado, paliativas à grave questão social brasileira, que levam a uma acomodação de lideranças e da base do MST.

Nesse contexto, é preciso uma forte aliança entre trabalhadores do campo e da cidade, bem como entre a escola do campo e da periferia das cidades. Por isso, temos que ter cuidado para não acentuar a dualidade entre campo e cidade, mas pensar a unidade, sem descuidar das diferenças, uma unidade em prol de uma educação sob outras bases de acesso real da criança e do jovem a uma educação que crie condições para o real crescimento humano em todos os sentidos.